

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Escola alemã-brasileira e evangélico-luterana: imagens e representações construídas a partir de um jornal

Isabel Cristina Arendt*

Resumo

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica vinculada à história cultural, analisamos o periódico editado pela Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul, publicado mensalmente entre 1902 e 1938. Verificamos que seus redatores e articulistas, predominantemente professores e pastores atuantes na escola evangélico-luterana no Estado, especialmente alocados em meio urbano, constroem representações sobre escola “alemã-brasileira” e seus professores, buscando torná-la instrumento do germanismo, valendo-se de um gerenciamento da identidade de seus leitores. Na década de 1930, utilizam estratégias de negociação, com o objetivo de manter o projeto de escola privada “alemã” e “evangélica”, baseada no fomento da germanidade e na formação da cidadania brasileira.

Palavras-chave: escola e professor, identidade, germanismo

Abstract

Starting from a methodological-theoretical perspective linked to a cultural history, we analyzed a periodical edited by the Association of Evangelical German Teachers in Rio Grande do Sul, published monthly between 1902 and 1938. We verified that the editors and columnists, predominantly teachers and pastors who are active in Evangelical-Lutheran schools in our state, and especially living in urban areas, build representation upon the German-Brazilian school and its teachers, thereby seeking to turn them into instruments of "germanism" (*Deutschtum*), and thus making use of the management of the identity of its readers. During the decade of the 1930's, they used strategies of negotiation with the objective of keeping the project of the German and evangelical private school based on the promotion of "germanism" and the formation of Brazilian citizenship.

Key Words: school and teacher, identity, germanism

No presente texto¹, abordamos o estudo das representações e discussões acerca de germanidade, de escola e de professor veiculadas no Jornal Geral do Professor no Rio Grande do Sul; Órgão da Associação de Professores Evangélicos Alemães, cujo título original é *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul, Vereinsblatt des Deutschen Evangelischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul*², editado e publicado pela Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul entre 1902 e 1938.

A edição deste jornal insere-se no contexto do início do século XX, no Rio Grande do Sul, quando ocorreu a criação de duas associações de professores de diferentes confissões religiosas - a católica e a evangélico-luterana - com propósitos similares, dentre eles reunir

* Dra. em História, UNISINOS. Atua no Acervo Documental e de Pesquisa, Biblioteca – UNISINOS, São Leopoldo – RS, Brasil. E-mail: isabela@unisinos.br.

¹ Neste texto, retomamos partes de nossa tese de doutoramento (ARENDR, 2005).

² Doravante utilizaremos a sigla ALZ.

professores atuantes em escolas alemãs-brasileiras, fomentando as escolas e apoiando seus professores. No Brasil haviam se organizado, no primeiro quarto do século XX, entidades com propósitos semelhantes, porém sem delimitação confessional, em SC, PR, SP, RJ e ES, além da Liga Nacional de Professores Alemães-Brasileiros (1925-1938), com sede em São Paulo, a qual congregava as seis Associações de Professores existentes no Brasil. Havia ainda associações de professores alemães na Argentina e no Chile.

A organização destas associações confessionalmente delimitadas, no Rio Grande do Sul, deveu-se à presença de jesuítas alemães e de lideranças evangélico-luteranas desde meados do século XIX. Estes passaram a exercer funções centrais na educação privada entre a população de imigrantes alemães e descendentes, evangélicos e católicos.

O jornal ALZ foi um dos periódicos destinados a professores de escolas evangélico-luteranas, que circulou durante o maior período de tempo no Rio Grande do Sul (1902-1917; 1920-1938). Nele são construídas, nesse período histórico, representações sobre germanidade, escola e professor, com o intuito de fundamentar práticas sociais de um público leitor predominantemente delimitado por uma identidade étnica – de imigrantes alemães e descendentes, uma identidade social – professor, e religiosa – evangélico-luterana.

Apoiados em referencial da história cultural, a qual conforme Chartier (1990: 16) “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, entendemos que, ao longo de seus quase quarenta anos de circulação, os redatores e articulistas do jornal ALZ gerenciam³ a identidade de seus leitores. Na sua maioria professores alemães alocados em escolas do meio urbano, eles constroem representações em torno da germanidade, da escola e do professor, com o objetivo de torná-los instrumento do germanismo⁴. Na década de 1930, porém, passam a valer-se de estratégias de negociação, com o objetivo de manter o projeto de escola privada “alemã” e “evangélica”, baseada no fomento da germanidade e na formação da cidadania brasileira (ARENDETT, 2005).

Apresentamos, a seguir, representações de “escola alemã-brasileira”, a partir da análise das diferentes seções do Jornal, desde relatórios sobre as Assembléias da Associação, relatórios dos distritos e artigos assinados.

³ “Gerenciamento da identidade”, conforme GREVERUS (1981), é entendido como uma forma de imposição através da qual determinados grupos utilizam características étnicas como demarcadores de diferenciação em relação a outros grupos, visando reafirmar a sua identidade.

⁴ O germanismo é uma corrente de pensamento que se difundiu no Rio Grande do Sul a partir do final do século XIX e durante as primeiras quatro décadas do século XX, e expressa, segundo Seyferth (1982, 94-95), uma ideologia de caráter etnocêntrico, incorporando “a ideologia nacional alemã formulada no início do século XIX”.

1 Representações de escola

Nas duas primeiras décadas do século XX – 1906 a 1913 – a escola “alemã-brasileira” é representada em sua função alfabetizadora, ensinando a “ler, escrever e calcular”. Daí decorre que a preocupação predominante entre os articulistas do ALZ é a elaboração de material didático para suprir estas escolas.

Já nos anos de 1914 a 1917, a escola é considerada espaço em que se forma a nova geração no caráter alemão, ensinando-lhe o amor ao Brasil, ultrapassando a formação com conhecimento puramente técnico: “(uma escola) da qual a geração futura surgirá, devidamente provida com os instrumentos do sólido conhecimento, da sincera formação do caráter alemão e do fiel amor à pátria brasileira!” (ALZ, 15(3): 5-6, mar. 1916).

Na década de 1920, após o período de interrupção da circulação do ALZ (entre 1917 e 1919), coincidindo com o período em que houve fechamento de escolas consideradas “estrangeiras” e em que foi proibida a publicação de impressos em língua estrangeira, alguns articulistas abordam a necessidade de enfatizar, via escola, um ensino também voltado às questões nacionais brasileiras, ensinando a língua portuguesa, história e geografia do Brasil, como faz o articulista Emil Gans. Apesar de enfatizar este papel para a escola, Gans propõe ações a serem desencadeadas via Associação de Professores, através dos pais, associados e professores, dos métodos de ensino e do material didático (GANS, 1920: 4), para que de forma alguma esta escola abandonasse a idéia da educação baseada na religião e na germanidade, agregando o amor à pátria como um terceiro elemento (Id., p.3).

Além de uma educação baseada nesses três elementos, pretendia-se uma educação para a vida: “A escola para nós não é somente instituição de ensino, mas também de educação – sim, isto em primeira linha –, assim o ensino não é um fim em si mesmo, é muito mais um meio de formação” (Id., *ibid.*). A partir desse propósito, os editores e articulistas disseminam e fazem seus leitores compreenderem a importância da formação [*Bildung*] vinculada ao conceito povo, recorrendo a citações de Fichte (1916: 1).

Na década de 20, encontramos outros três aforismos tratando sobre o conceito de *Bildung*, dentre eles novamente o de Fichte, porém simplificado (FICHTE, 1923: 1). O conceito de *Bildung* [formação], conforme explica Assmann (1993: 9), prevê, além do que se aprende e sabe, o que se pode ser, ou seja, engloba a formação do caráter.

Lembramos, ainda, que o conceito *Bildung*, além de *Kultur*, é demarcador da identidade nacional alemã, construída pela intelectualidade alemã no século XIX e, conforme Norbert Elias (1994: 23-50), para uma diferenciação dos alemães em relação aos franceses e

ingleses. Essas idéias e conceitos são, por sua vez, ressignificados e utilizados pelos germanistas no Brasil. Como bem aponta Dickie (1996:297), já no século XIX o conceito é utilizado por Karl von Koseritz em sua retórica sobre os Mucker, associando-o a "*Kultur* e nação".

Além de se valerem de conceitos relacionados à educação alemã, como *Bildung*, verificamos que os redatores utilizavam outro recurso: a publicação de artigos de autores estrangeiros ou alemães. Entendemos que se pode interpretar essa estratégia editorial como uma tentativa de legitimar seu discurso, bem como uma forma de impor modelos, buscando as idéias em autores alemães, pois de fato os articulistas não eram teóricos. Em um resenha (STROTHMANN, 1927: 7) de livro, por ex., evidencia-se que também para os articulistas do ALZ a *Bildung* e o caráter alemão entre os descendentes de alemães no Brasil era essencial à germanidade.

Também em artigos, em que os autores solicitam apoio das comunidades evangélicas e alemãs-brasileiras aos projetos relacionados às suas escolas e à formação de quadro de professores para as mesmas, um dos argumentos utilizado para convencer os leitores da necessidade de colaborarem com a Escola Normal é o de que a população solicita sempre melhores e mais professores. Seria, portanto, necessário esforço para construir aquela escola, pois "[...] então nossa população continuará sendo o que é por natureza: alemã e evangélica. Caso contrário, outras comunidades, de um espírito étnico estranho, puxam a si nossos jovens loirinhos, tornando-os coveiros de seu próprio povo. Que nosso querido Pai do céu nos proteja disso!" (STROTHMANN, 1922: 4). Os argumentos de Strothmann giram em torno da manutenção do *Volkstum*, fazendo um apelo para que a formação local de professores fosse energicamente promovida, pois "somente quando nossa juventude alemã, ainda em crescimento, puder, em toda parte, ser impregnada com a fonte espiritual alemã-evangélica, poderemos ter esperança de preservação de nossa germanidade" (Id., ibid.). Nas formulações do professor Strothmann, encontramos aquilo para o que Dagmar Meyer já chamou atenção: língua alemã e protestantismo eram "demarcadores dos sentidos de pertencimento nacional" (MEYER, 2000: 82).

Durante os anos de 1930, a argumentação em favor da escola "alemã" ou "alemã-brasileira" será uma constante nas páginas do ALZ, na medida em que os editores reforçam o discurso em torno de sua função como perpetuadora da germanidade, agora, porém, apoiando-se em idéias também em voga na Alemanha. Essa escola tem, na década de 1930, seu sentido e existência, segundo Holder (1934: 6), marcados pelo *Volkstum*, por uma língua comum, no caso a língua alemã considerada língua materna, e pela *völkische Eigenart* [peculiaridade

étnica]. Estas características deveriam ser manifestadas mediante “[...] costumes, canções e danças, festas e cotidiano, trajes e aparelhos, arquitetura e economia, resumindo, todas as coisas que forneçam um estilo próprio de um povo como manifestações externas do *Volkstum*” (Ibid.).

Neste sentido, verificamos, ainda, que outro articulista enfatiza a função da escola “alemã-brasileira” como fomentadora de uma educação baseada no espírito dos antepassados e na *Bildung*. O articulista segue sua argumentação, entrelaçando educação, juventude e germanidade e afirmando que “sem escola não há juventude, não há futuro para a comunidade! Sem juventude não há futuro! Juventude é futuro e vitória!” (STEMMER, 1933: 9). Ainda segundo ele, para que os descendentes de imigrantes alemães pudessem manter-se fiéis ao jeito de ser alemão e aos antepassados, ou seja, continuar e/ou manter as fronteiras étnicas (BARTH, 1998) delimitadas e vivendo na mesma religiosidade, “então é necessário que atraiamos e conformemos a juventude” (STEMMER, 1933: 9). Nesse mesmo artigo, Stemmer caracteriza a escola e sua tarefa, enfatizando a formação para a “nossa comunidade étnica, formando pessoas de caráter e diligentes, que sejam saudáveis de corpo e espírito” (Ibid.).

À escola ainda é atribuída a tarefa de preparar o aluno para o “trabalho produtivo, pois trabalho enobrece e edifica moralmente” (STEMMER, 1933: 9). Seyferth (1989) aponta para a predominância da idéia de uma superioridade do trabalho alemão, como uma capacidade herdada de sua origem. Essa superioridade, juntamente com o “uso cotidiano da língua alemã”, é considerada pela autora como um dos elementos definidores da etnicidade “teuto-brasileira”. Essa categoria também é acionada pelos articulistas, como podemos verificar no artigo de Stemmer, em que encontramos o “trabalho” sendo fomentado já na escola, ao menos a nível de discurso, como marca delimitadora desse grupo étnico. Poderá ser também um mecanismo acionado para, de alguma forma, considerar-se integrado à sociedade brasileira, pois, na década de 30, o “trabalho” recebeu uma revalorização e passou a significar um meio de servir ao país, um valor nacional (GOMES, 1982).

Outro articulista aborda a questão, enfatizando que a tarefa central dessa escola é primar por um programa direcionado para o *Volkstum*, para a questão étnica, observando, no entanto, a situação peculiar dos alunos condicionada por sua pertença ao Estado brasileiro (SCHREIBER, 1937: 3). A afirmação foi feita em 1937, momento em que paulatinamente essas escolas comunitárias são alvo de uma política educacional brasileira, que busca nacionalizá-las. Schreiber convoca seus leitores a se manterem firmes em favor de sua escola, mesmo diante de possíveis adversidades.

Ao mesmo tempo em que a condição das escolas “alemãs-brasileiras” fica ameaçada, os articulistas do ALZ passam a enfatizar sua importância para o projeto de manutenção da “germanidade”. Andrä (1937: 2), por exemplo, lembra que depende da escola, assim como da igreja, o futuro da germanidade [do *Deutschtum*] no Brasil. Acentua-se, portanto, a função dessa escola, como fomentadora da germanidade e como formadora de cidadãos brasileiros que, porém, devem ser “alemães na sua essência”. Veremos, a seguir, algumas representações de professor construídas no ALZ.

2 Representações de professor

No que se refere aos primeiros vinte anos do séc. XX, prevalece a imagem de que ser professor é ter que enfrentar as dificuldades da profissão, quando atuante em escolas comunitárias localizadas na área rural, nas chamadas *Kolonieschulen*. Dentre as dificuldades enumeradas, encontramos a má remuneração, atribuída aos colonos, por não valorizarem o trabalho do professor; a formação inexistente ou fraca deste profissional, até mesmo falta de professores; a falta de apoio das “comunidades ou sociedades escolares” para alterar essa situação; além do preconceito existente em relação à profissão. Percebe-se, a partir do que escrevem os articulistas, insatisfação com o modelo vigente e as condições dadas, situação esta que pretendiam alterar, para que seu objetivo central, manter a população “evangélica e alemã”, fosse mais rapidamente alcançado.

Ao professor é atribuída a função de fomentador do *Volkstum*, pois “Apenas o professor tem condições de tornar cultivável o solo étnico em toda a sua extensão, ou em outras palavras: o trabalho junto ao povo encontra nos professores seus derradeiros fomentadores”⁵. Alcançar esse objetivo passava pelo professor. Professores que não seguiam lutando pela germanidade, mesmo que em condições adversas, são apresentados como maus exemplos (HÄNDLER, 1922: 1). Exemplos a serem seguidos eram aqueles professores que primavam pela unidade em torno da germanidade, mesmo na adversidade.

Se os professores não agiam pela unidade, no entendimento dos articulistas do ALZ, eram chamados a fazê-lo. No início da década de 1920, Strothmann clama por união, argumentando que se tratava de um momento em que todos deveriam reunir forças para retomar as atividades, citando as entidades que já o haviam feito (Sínodo Riograndense, Associação de Professores Alemães Católicos e a Associação dos Professores Alemães Evangélicos). Além de chamados à unidade, eram solicitados a ajudar “seus irmãos de

⁵ Die Heranbildung eines Lehrerstandes für unsere Schule. (ALZ, 15(1): 3, jan. 1916).

sangue”, os alemães, por exemplo, quando na década de 1920 houve disputa da França pela região do Ruhr, na Alemanha. O professor é chamado a ajudar, evidenciando como os adeptos do germanismo gerenciavam a identidade, conforme interesses, atribuindo, no caso, ao professor a identidade de alemão (HÄNDLER, 1923:1).

Além de ajudar “seus irmãos”, sua função seria, conforme argumenta Strothmann, a de ser exemplo para as crianças, entendendo que “no exemplo dos adultos educam-se as crianças”, e “por isso, professores, diante das crianças, temos o dever de trabalhar o caráter, principalmente nosso próprio” (S.T., 1922:3). Na sua opinião, professores deveriam convencer-se de sua função como fomentadores de bens culturais sendo muito mais que meros repetidores do alfabeto (Ibid.).

Dessa forma, os articulistas iam conformando a identidade docente pretendida pelas lideranças do processo escolar, afinando-a com o projeto germanista. Nesse sentido, constroem uma imagem para o professor a partir da premissa fomentada pelo germanismo: manter uma identidade étnico-nacional alemã, com cidadania brasileira.

Na década de 30, predomina, com relação aos professores atuantes tanto em meio urbano como no rural, o discurso que conclama a ambos por união entre os professores, especialmente entre os *Kolonielehrer*, sendo enfatizada a necessidade de se ensinar sempre mais a língua do país e o que isto representava para a formação de um bom cidadão, mantendo, no entanto, também a germanidade: “Então, senhores! Juntemo-nos todos, sem exceção, ao D.E.L.⁶; somente assim, em trabalho conjunto, podemos melhorar nossas escolas e as condições de trabalho dos professores [...]” (PLÖGER, 1931: 14).

Entendendo o professor como agente e meio para fomentar a germanidade e/ou para regermanizar (MEYER, 2000) a população descendente de alemães, sua relação com o lar e com os pais era considerada fundamental, para atingirem os objetivos afinados com o germanismo. Por meio do lar, afirma Arno Philipp, poderiam contribuir para que a essência alemã e o idealismo alemão não morressem, o que chama de “raízes da nossa força” (PHILIPP, 1926: 4).

É, portanto, enfatizada a imagem de professor como fomentador da germanidade, o qual deveria aliar-se aos pais, unindo a escola ao lar na tarefa de educar. Não verificamos, dentro dos limites deste trabalho, se as funções e imagens eram alcançadas na prática, porém chamamos atenção para um provável distanciamento entre práticas escolares e o que os articulistas do ALZ representavam e/ou idealizavam.

⁶ Abreviação de *Deutscher Evangelischer Lehrerverein* [Associação de Professores Alemães Evangélicos].

Conclusão

O jornal ALZ é um dos periódicos dos quais se valem os ideólogos do germanismo, no caso, especificamente professores e/ou pastores das escolas “alemãs-brasileiras” evangélico-luteranas para discutir e gerenciar a identidade dos imigrantes alemães e descendentes no Brasil. Como bem apontam Grützmann (1999) e Meyer (2000), a imprensa servia-lhes como um meio de divulgação das representações identitárias e fronteiras étnicas para esse grupo e, especialmente, para construir e reforçarem uma identidade étnica estanque, considerando-a uma herança que não poderia ser modificada, ignorando o que efetivamente define a etnicidade: a sua dinâmica, passível de constantes transformações⁷. Podemos afirmar que a Associação de Professores, órgão responsável pela edição do ALZ, era uma organização de delimitação étnica e confessional, que recriava e gerenciava a etnicidade. Por questão de espaço, não abordamos as representações sobre a nacionalização e o nacional-socialismo, e as estratégias de negociação veiculadas no ALZ, com o objetivo de manter o projeto de escola privada “alemã” e “evangélica”, baseada no fomento da germanidade e na formação da cidadania brasileira, mas podem ser verificadas na versão integral de nossa tese de doutoramento.

Referências Bibliográficas

- ARENDETT, Isabel Cristina. **Representações de germanidade, escola e professor no *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul* [Jornal Geral para o Professor no RS]**. Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.
- ASSMANN, Aleida. **Arbeit am nationalen Gedächtnis; eine kurze Geschichte der deutschen Bildungsidee**. Frankfurt/Main: Campus Verlag, 1993.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Trad. por Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 187-250.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. por Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990.
- DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias; um estudo sobre os Mucker e seu tempo**. São Paulo: USP, 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPG em Antropologia Social, USP, 1996.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. por Ruy Jungmann. Rev. e apres. de Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. (V. I: uma história dos costumes).

⁷ Lembramos HALL (2002) e POUTIGNAT; STREIFF-FENART (1998).

GOMES, Ângela Maria de Castro. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 151-165.

GREVERUS, Ina-Maria. Ethnizität und Identitätsmanagement. **Schweizerische Zeitschrift für Soziologie**, n.7, 1981. p.223-232.

GRÜTZMANN, Imgart. **A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul**. PUCRS: 1999. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: D&A, 2002.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades traduzidas; cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo, Sinodal, 2000.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Trad. por Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. *A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira*. In: CARVALHO, Maria do Rosário G. de (Org.) et al. **Identidade étnica: mobilização política e cidadania**. Salvador: UFBA/Empresa Gráf. da Bahia, 1989. p.93-123.

Fontes primárias

ALZ, v.15, n.3, mar. 1916, p.5-6.

ANDRÄ, Helmut. Zum kommenden 25. Juli. In: **ALZ**, n. 4-5, p. 1-3, jun. 1937.

DIE HERANBILDUNG EINES Lehrerstandes für unsere Schule. In: **ALZ**, v. 15, n. 1, p.2-3, jan. 1916, p.3.

FICHTE. Spruch. In: **ALZ**, v.23, n. 6, jun. 1923. p.1

FICHTE. Wahlspruch. In: **ALZ**, v.15, n.2, fev. 1916, p.1.

GANS. Was kann der deutsche Evangl. Lehrerverein tun, um den berechtigten Forderungen zu genügen, die das brasilianische Vaterland im Sinne einer nationalen Erziehung an unseren Schulen stellen kann? In: **ALZ**, n.5, maio de 1920, p.4.

HÄNDLER, K. *Aufruf an die D. E. Lehrerschaft!* In: **ALZ**, v.20, n.1, jan. 1923, p.1.

HÄNDLER, K. *J. Th. Grimm*. In: **ALZ**, Santa Cruz, v.19, n.1, jan. 1922. p.1.

[HOLDER]. *Zukunftsfragen des deutsch-brasilianischen Schulwesens*. In: **ALZ**, v.31, n.2, fev. 1934, p.6.

PHILIPP, Arno. *Schule und Deutschtum*. In: **ALZ**, v.23, n.9, set. 1926, p.4.

PLÖGER, W. *Ansprache auf der Distriktsversammlung in Boa Vista*. In: **ALZ**, v.28, n.3-4, mar.-abr. 1931, p.14.

SCHREIBER, Gustav. *Volksgemeinschaft*. In: **ALZ**, v.34, n. 4-5, jun. 1937, p.3.

ST. [STROTHMANN] *Unsere Arbeit*. In: **ALZ**, Santa Cruz, v.19, n.12, dez. 1922, p.3.

STEMMER, C. H. Stemmer. *Festrede zur Jahrhundert-Feier der Deutsch-Evangelischen Gemeinde zu Hamburger-Berg (13-15 Mai 1933)*. In: **ALZ**, v.30, n. 10, out. 1933, p.9.

STROTHMANN, F. *Unsere Schulen, unser Lehrverein, unsere Lehrerbildung*. In: **ALZ**, v.19, n.2, fev. 1922, p. 4.

STROTHMANN, F. *C. H. Becker: die Pädagogische Akademie im Aufbau unseres nationalen Bildungswesens*. In: **ALZ**, v.24, n.1-2, jan./fev. 1927, p.7.